

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Uma nova edição – agora a de número 26 – do Festival do Rio vai começar nesta quinta-feira, com a projeção do musical “Emilia Pérez”, de Jacques Audiard, abrindo deixar uma maratona de produções do mundo inteiro, incluindo os 51 longas-metragens da *Première Brasil 2024*. O vencedor da competição nacional do ano passado, uma colossal reconstrução de época com foco na ditadura militar chamada “A Batalha da Rua Maria Antônia”, arrebatou o júri, seduziu o público, gerou debates inflamados... mas, cadê? Até hoje, esse thriller político dirigido por Vera Egito não entrou em circuito, mas a chegada de uma nova maratona cinéfila carioca volta a mobilizar interesses por essa revisão histórica dos Anos de Chumbo.

Em 2023, o júri presidido pela diretora Laís Bodanzky (“Bicho de 7 Cabeças”) valorizou o risco absoluto corrido por Vera numa narrativa em PB de estética nervosa. Indicado a prêmios em festivais em Valladolid e Chicago, “A Batalha da Rua Maria Antônia” se impôs na telona do Estação NET Gávea e do Odeon a partir de um jogo de armar de 21 planos-sequência.

Um espetáculo entre o drama e a ação se forma na recriação proustiana de 1968, o chamado Ano Que Não Acabou. Sua estrutura formal chega a ser inóspita em seu arranjo nada convencional de ideias. Arma-se um teatro de máscaras na trama quando o líder estudantil Benjamim (Caio Horowitz, atômico em sua atuação) aparece no campus da Faculdade de Filosofia da USP para manter seus colegas fora das CNTPs (condições normais de temperatura e pressão). Ele agita sua turma e outras em meio a uma batalha em outubro do 68. Seus métodos são sedutores, mas, parecem desrespeitar códigos de ética e sentimentos. Benjamin encena um jogo de decapitações com seus companheiros de aula e incomoda, em especial, uma atormentada profes-



*Batalha da Rua Maria Antônia tem como foco a ditadura militar*

# A *Première* de hoje aguarda a *Première* de ontem

Vencedor do Festival do Rio 2023, engenhoso thriller de Vera Egito sobre a luta contra a ditadura na São Paulo de 1968 ganha novos holofotes com a chegada da maratona deste ano

sora, Leda (Gabriela Carneiro da Cunha, em estado de graça).

Em nome da democracia, Benjamim tenta manter inflamado o corpo discente e o docente de sua instituição. Tem gente ali abalada por mágoas afetivas. Outras temem a foice do Estado que vestia farda na época. Mas um grupo reage à mordada do governo, sendo

oprimido pela direita radical.

Na direção de fotografia, Will Etcheberehe ricocheteia por planos de triagem de diferentes salas, corredores e centros acadêmicos de uma faculdade encarada, à época, como o ovo da serpente dos inimigos do governo de farda. A montagem de Julia Zakia galvaniza o fluxo de imagens cor

de chumbo, penumbrosas, revivificando um pretérito imperfeito, que reside como zumbi no imaginário sócio-político da nação.

Num roteiro enxuto, mas bastante provocativo, a diretora de “Amores Urbanos” (2016) discute resiliência, combate e inércia à luz da brasilidade. Em seu agonizante filme, a luta simbólica de 1968 é um espaço de afirmação de identidade. É um ritual que nos baliza pela resistência e que espelhou combates recentes, na Era Bolsonaro. O que acontece é que esse ritual despertou bestas e invocou diabos. É o que o filme mostra, sobretudo na figura mefistofélica de Benjamin construída por Horowitz.

Numa linha de edição que assume o número dos planos como se fosse um relógio, a contabilizar a armação e a explosão inevitável de uma bomba moral, Vera “encena” a SP do fim dos anos 1960 menos pelos e mais pelas impressões do que o passado teria sido. Concentra tudo num tempo curto, numa noite definitiva. Os personagens enfrentam os ataques do Comando de Caça aos Comunistas vindos do outro lado da rua, da Universidade Mackenzie. Quando o confronto explode, molotovs, pedras, paus e bombas são atirados. É uma narrativa de 24 horas nas quais conflitos afetivos, tensões sexuais, ciúmes e traições ideológicas (concentradas na professora Lea), revisitam nosso pretérito imperfeito. A escolha do júri de Bodanzky foi perfeita.

Entre os títulos mais aguardados do Festival do Rio, que vai até o dia 13, destacam-se “O Quarto Ao Lado”, que garantiu o Leão de Ouro a Pedro Almodóvar; “Bird”, de Andrea Arnold; “Black Tea – O Aroma do Amor”, de Abderrahmane Sissako; e “Conclave”, de Edward Berger.